As escolhas da subjetividade de nossa época

Marie-Jean Sauret

Ouvimos repetir que se deve dar um sentido a isso e àquilo, a seus próprios pensamentos, a suas próprias aspirações, aos desejos, ao sexo, à vida. Mas da vida não sabemos nada de nada. Os sábios gastam o fôlego nos explicando. Meu medo é que, por culpa deles, o real, essa coisa monstruosa que não existe, acabe por pegar, por prevalecer. A ciência substitui a religião, e ela é de outra forma mais despótica, obtusa e obscurantista. Há um deus-átomo, um deus-espaço etc. Se ganhar a ciência ou a religião, a psicanálise está acabada.

Jacques Lacan*

* Lacan. Não pode haver crise da psicanálise (1974).

A época atual não é a de Freud. E não se tem certeza que seja ainda a de Lacan. É possível que "a subjetividade de nossa época" origine, como indicam as vozes, uma "nova economia psíquica"? Isso certamente nos levaria a supor que registraríamos escolhas específicas a respeito do sexo, da vida e da morte.

Lembramos o comentário de Lacan:

> Nossa tarefa é a re-introdução no registro do sentido, registro que deve, ele próprio, se reintegrar ao seu próprio nível. Brücke, Ludwig, Helmholtz, Du Bois-Reymond constituíram um tipo de fé jurada: tudo se reduz às forças físicas, de atração e de repulsão. Quando tomamos essas premissas, não há razão alguma para sair delas. Se Freud saiu, é porque tomou outras: ele ousou dar importância ao que chegasse, por exemplo, às antinomias de sua infância, aos seus problemas neuróticos, a seus próprios sonhos. É lá que está Freud, e é para nós todos um homem colocado no meio de todas as contingências mais humanas: a morte, a mulher, o pai.

Nada negará que o cientificismo domina na era da globalização. Então, será o homem de nosso tempo inacessível às "contingências mais humanas"? Para isso, seria preciso concluir

que são as próprias condições de reinvenção e de existência da psicanálise que estão ameaçadas e, além dessas, as de um laço social viável.

1

Interrogar a escolha do sujeito na vida, na morte e no sexo acabará parecendo estranho para nossos contemporâneos, pois são cada vez mais numerosos os persuadidos de que não há escolha, de que as decisões aparentes do sujeito se resolvem por uma soma de determinações biológicas, sociais, psicológicas e suas interações. São igualmente numerosos os que consideram que Freud inventou uma linha de determinação suplementar, isto é, pela via do inconsciente. O sujeito capaz de escolha não é todo sujeito. Ele não é mais o sujeito do livre-arbítrio, aquele deliberadamente franqueado de toda opressão. Há um certo paradoxo em nossa atual aquisição da idéia – para se ater a uma única – segundo a qual o sujeito "está inelutavelmente ligado a seu destino por seus genes e ao mesmo tempo é culpado de suas doenças por suas más condutas", "*não-responsável* (por sua herança genética) e *culpado* (por seu comportamento) de suas doenças"[1] (a AIDS, mas também o câncer etc.)!

Seja qual for, essa abordagem do tema deveria nos sensibilizar para a insistência de Lacan, nem sempre lembrada, sobre o fato de que as coordenadas de uma subjetividade sempre são extraídas de uma forma histórica e determinada dos traços, das posições e dos valores comuns a maior parte dos sujeitos de uma época em suas relações com o Outro como discurso[2]. Lacan expõe sua análise da "subjetividade de sua época" em vários trechos de seu ensino. Certamente, lembramo-nos do *Seminário: livro 17* ou da conferência de Milão, em que ele desenvolve a estrutura do discurso capitalista. O bastante para admitir que a ciência (o discurso científico, a tecnociência, o cientificismo) e o mercado dominam a forma capitalista do "pseudo" laço social contemporâneo.

Tomarei como ponto de partida, no entanto, duas páginas de *Escritos* que figuram no famoso artigo do "estádio do espelho". A análise que Lacan propõe para o campo social e a economia psíquica, que é correlata ao fim da Segunda Guerra Mundial, apresenta todas as características de uma visão profética para nosso próprio tempo. Diante disso, é possível que o homem moderno já estivesse encarnado nessa época e que a distinção entre modernidade e segunda (ou pós) modernidade seja inválida? De todo modo, Lacan definiu o homem contemporâneo a partir de suas escolhas na vida, na morte e no sexo, além de algumas outras.

[1] Gori & Del Volgo. *La santé totalitaire. Essai sur la médicalisation de l'existence* (2005, p. 123).

[2] Devo a Sidi Askofaré a atenção a essa referência. Cf. Lacan. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. (1956, p. 281-282)

Examinemos esse texto. Na verdade, Lacan não descreve as características do campo social, mas "a negatividade existencial, cuja realidade é tão vivamente promovida pela filosofia contemporânea do ser e do nada". Lacan desaprova essa filosofia de seu tempo segundo a qual a consciência se basta, posto que a autonomia que ela valoriza nada mais é que a conseqüência dos não-reconhecimentos constitutivos do eu aos quais está encadeada.

No momento em que escreve *O estádio do espelho*, em 1949, Lacan considera estar "no início do empreendimento histórico de uma sociedade para não mais se reconhecer com outra função além da utilitária"[3]. E acrescenta: "na angústia do indivíduo diante da forma concentracionária do laço social, cujo surgimento parece recompensar esse esforço". Desde então, sabemos que o utilitarismo da sociedade se tornou ainda mais opressor, e que o campo de concentração tende a ressurgir ou mesmo se confundir com a globalização. É nesse contexto que Lacan enumera os impasses subjetivos resultantes à luz das justificativas dadas pelo existencialismo – justificativas que o julgam, isto é, que demonstram como sua cegueira sobre o inconsciente participa dessa sociedade: uma liberdade que jamais se afirma tão autêntica quanto dentro das paredes de uma prisão, uma exigência de engajamento em que se exprime a impotência da pura consciência para superar qualquer situação, uma idealização voyeurista-sádica da relação sexual, uma personalidade que só se realiza no suicídio, uma consciência do outro que só se satisfaz pelo assassínio hegeliano.

[3] Lacan. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je (1949, p. 95)

> A esse respeito – conclui Lacan – toda nossa experiência se opõe na medida em que nos desvia de conceber o eu como [...] organizado pelo 'princípio de realidade', onde se formula o preconceito cientificista mais contrário à dialética do conhecimento – para indicar que devemos partir da função de não-reconhecimento que o caracteriza [...][4].

[4] *Ibid.*, p. 99.

Aqui se mede a distância entre o que nos cerca e a crítica de Lacan. Nos países economicamente mais desenvolvidos, o suicídio já quase é a principal causa da mortalidade de crianças, adolescentes e jovens; a violência conjugal, proporcional ao nível socioeconômico, apaga ou traveste os últimos relevos de erotização do sexual; e *a ectogênese*, ao completar a ruptura freudiana entre sexualidade e reprodução, restabelece tendencialmente o projeto eugênico nazista (cf. as "casas do amor", *Liebenshaus*). Exportado de regiões menos favorecidas, o atentado suicida parece se tornar uma prática habitual de luta... Que aconteceu? A fórmula que Freud dirigia a seus contemporâneos – "A salvação do homem está na escolha" – ainda faz sentido para nós?

2

Graças à psicanálise sabemos que o sujeito, esse que fala dentro do humano, tem a estrutura da linguagem. Cada sujeito é precedido lógica e cronologicamente pelo Outro que lhe fala, que se dirige a ele nas ocasiões certas, e que assim lhe fornece as palavras. Mas cada sujeito, por sua vez, só toma a palavra para esbarrar no enigma do que o Outro quer dele, e que, desse modo, retira-lhe uma parte. Ele se depara, então, com seu próprio enigma de sujeito, já que, na linguagem, ele é apenas representado, é ausente. Freud identificou essa falha estrutural de saber com o recalque original, ou o inconsciente, e situou o desejo como conseqüência dessa falta de ser. Já Lacan introduziu o termo gozo para nomear a substância negativa desse ser que o sujeito descobre estar perdida desde que começa a falar.

Essa estrutura situa o humano como resultado de um duplo nascimento: uma vez como animal e outra como falante. Esse segundo nascimento sempre se efetua no seio do Outro. A clínica mostra que o problema que existe para cada um de nós é obter do Outro o saber que "taparia" o furo que afeta o significante, mas sem que, nesse processo, o sujeito se reduza ao saber do Outro. Em outras palavras, o sujeito deve se assegurar de que não se dissolverá dentro do Outro. Seguindo Pierre Bruno[5], poderíamos resumir a estrutura do sujeito em duas proposições: "Eu quero que o Outro esteja à minha disposição, mas não quero estar à disposição dele". Ou, em termos lacanianos: "Eu quero gozar do Outro; não quero ser gozado por ele". Tal é a dissimetria constitutiva da estrutura do sujeito.

[5] Bruno. Symptôme contre phallus (2004).

Historicamente, o humano sempre exigiu seu ser do Outro. Mitos, religiões e filosofias funcionam seguindo as ontologias, e voltam a deixar a garantia da resposta (ao que é o humano) nas mãos dos deuses. Mas os humanos não ficam aprisionados às respostas ontológicas que eles mesmos fabricam, nem às respostas de seus supostos guardiões. Podemos verificar que, no decorrer do século V grego, a economia psíquica, o heteronômio dirigido pelos deuses, tornou-se autônoma. Foi preciso, então, inventar um sistema político para homens livres: a democracia. Quem garante a autoridade do eleito quando os deuses desertam a terra e vão para o céu? A carga é devolvida à religião monoteísta, em particular ao Deus Pai, pelo menos em grande parte da Europa. Deus mantém a autoridade, mas o faz do céu.

O que caracteriza o laço social, então, é "a preocupação de si", exigida dos cidadãos nos planos físico, psicológico, mo-

ral, cultural e cultual, sem que esses planos sejam realmente discerníveis. O Deus-Pai, providência, divide a criação com a primeira de suas criaturas. De um lado, os homens esperam tudo de Deus, mas, de outro, é forçoso constatar que não cessaram de inventar e de criar tanto no plano artístico quanto no científico, sem o que ainda estaríamos na idade das cavernas.

O advento da ciência moderna e a rejeição cartesiana da subjetividade fora do discurso da ciência que, todavia, fabrica essa subjetividade mudam as cartas do jogo. A nova racionalidade desqualifica o próprio recurso às ontologias e a todas as suas figuras de autoridade. Somente a explicação científica tem prestígio. A ciência pretende liberar o humano do capricho da divindade e submetê-lo à tirania do conhecimento de que ela é capaz. Mas o humano funciona sempre da mesma maneira, confrontado com o enigma do que ele é, sempre dividido: de um lado, sujeito da ciência, sujeito da explicação ("Como as coisas funcionam?"), e, de outro, sujeito da religião, sujeito do sentido ("Por que existe qualquer coisa mais que nada?"). A nova economia psíquica (que poderíamos homologar ao sujeito kantiano) é caracterizada não somente por essa divisão, mas pelo fato de que o sujeito do sentido entra em pane diante da desqualificação das ontologias. É grande a tentação de responder à questão do sentido valendo-se do tratamento científico. A convicção, segundo a qual a ciência "tem resposta para tudo", produz uma ideologia nova, que é o cientificismo.

Diante da falência do sentido, o sujeito repatria a ontologia para seu íntimo. Etimologicamente, "repatriar" significa "reconduzir a, ou constituir a região do pai"! De fato, para garantir a verdade de sua "doutrina pessoal", o sujeito abandona o Deus Pai pela figura de autoridade que ele deduziu e que tem a seu alcance. Com o recurso do pai, Deus se torna inconsciente. Assim é a neurose, uma religião privada que Freud expõe no fim do século XIX. A neurose irrompe na cena social com um sujeito forçado a abandonar a solução dada pelas ontologias para fabricar uma que lhe fosse própria e localizada em sua fantasia. Em certo sentido, como Lacan destaca, a neurose "freudiana" é uma maneira de salvar não somente o pai, mas Deus. No entanto esse momento de mudança de discurso (que é também uma mudança de civilização) é a ocasião para o sujeito verificar que a solução pelo pai não é melhor que a solução pelas ontologias, se lhe é confiscada a responsabilidade por suas escolhas – sobre a vida, o sexo, a morte.

Essa época é a do desenvolvimento da ciência. Os ancestrais da psiquiatria e da psicologia modernas se esforçaram para reduzir a economia psíquica às determinações naturais. O que fez Freud escapar dessa concepção? Vocês conhecem a resposta de Lacan:

> Nossa tarefa é a reintrodução no registro do sentido, registro que deve, ele próprio, se reintegrar ao seu próprio nível. Brücke, Ludwig, Helmholtz, Du Bois-Reymond constituíram um tipo de fé jurada: tudo se reduz às forças físicas, de atração e de repulsão. Quando tomamos essas premissas, não há razão alguma para sair delas. Se Freud saiu, é porque tomou outras: ele ousou dar importância ao que lhe chegasse, por exemplo, às antinomias de sua infância, aos seus problemas neuróticos, a seus próprios sonhos. É lá que está Freud, e é para nós todos um homem colocado no meio de todas as contingências mais humanas: a morte, a mulher, o pai.[6]

[6] Lacan. *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud* (aula de 18 de novembro de 1953).

Nessa citação, Lacan afirma que o sentido não se deixa levar à explicação porque Freud, em meio às contingências, resistiu ao determinismo. Como compreender essa afirmação? Freud se viu confrontado com um real irredutível a qualquer determinação porque esse real exigia uma interpretação, um apelo ao sentido. Sabemos, sempre graças a Freud e Lacan, que a forma tomada por esse real que apela ao sentido, com o qual, porém, ele não se confunde, é o sintoma. O sintoma é a grande descoberta de Freud. O sintoma é o que assegura a cada um a resistência do real de seu ser ao simbólico. Isso ocorre porque o sintoma constitui o "radical da singularidade"[7]. A singularidade deve ser entendida aqui no sentido matemático do termo, como uma função definida entre um limite e outro. A singularidade é um valor que faz literalmente explodir a função. Não é um "para todos", e sim um "tudo, mas isso não".

[7] Bruno. *La passe* (2003).

3

O sintoma inclui, então, o que assegura o sujeito de sua indeterminação pelo inconsciente, o que faz do real de seu ser um "furo no saber", como gosto de repetir. O sintoma condiciona a própria possibilidade de uma escolha que seja uma escolha, seja na vida ou no sexo, seja em com relação à morte. A propósito do sintoma, convém distinguir, de um lado, seu aspecto patológico, no qual o sofrimento do sujeito é tanto o que lhe tira a confiança quanto o que o faz preferir as soluções ditadas pelo Outro (parental, religioso, psicanalítico, institucional, político), esperando que o cure, e de outro, sua função de amarração do corpo, do gozo e da linguagem, justamente em torno do "radical da singularidade", mas também da localização dessa singula-

ridade em um "viver junto" que evita dois perigos: a dissolução do singular no comum e a pulverização do comum sobre o rochedo das singularidades (cf. a feliz[8] fórmula de Sidi Askofaré ou a de Colette Soler: "a política do sintoma").

Alguns compreenderam mal a incidência da interpretação do sintoma. Lacan afirma: "O sintoma é real, é mesmo a única coisa verdadeiramente real, ou seja, que teria um sentido, que conserva um sentido. É por isso que o psicanalista, se tem chance, pode intervir simbolicamente para dissolvê-lo no Real"[9]. Sabemos que, em outro lugar, Lacan definiu o real pela exclusão do sentido. O sintoma é a única coisa "verdadeiramente" real para o sujeito. Aqui, deve-se sublinhar o "verdadeiramente". Em sentido estrito, o sujeito tenta situar aí sua verdade, tratando-a por meio da fantasia. A psicanálise literalmente dissolve o sintoma (não o suprime) no real e não no simbólico. Assim, a psicanálise contribui para que o real seja mais forte que a verdade, isto é, que ultrapasse tanto a fantasia quanto o delírio. Mediante isso, devolve ao sujeito sua capacidade de ato em relação às coisas da vida...

Lacan diz ainda:

> O real é muito evidentemente para nós, por seu uso, o que é antinômico ao sentido, o que se opõe ao sentido como o Zero se opõe ao Um. O real é estritamente o que não tem sentido. Por isso mesmo nossa interpretação só tem a ver com o real na medida em que a dosamos. Nós a dosamos e a limitamos à redução do sintoma. Há sintomas que não reduzimos, isso é absolutamente certo, entre os quais, nomeadamente, a psicanálise. A psicanálise é um sintoma, um sintoma social, e é assim que convém conotar sua existência. Se a psicanálise não é um sintoma, não vejo, absolutamente, por que ela apareceu tão tarde. Ela apareceu tão tarde na medida em que é preciso que se conserve qualquer coisa (sem dúvida porque está em perigo) de uma certa relação com a substância, a substância do ser humano.[10]

A psicanálise foi inventada como sintoma do perigo que pesa sobre a substância do ser humano em uma certa época e como meio de perpetuar o que a relação com essa substância apresenta precisamente de irredutível.

4

Nesse ponto, deveríamos interrogar as características do laço social correlacionado com a globalização, e nos falta tempo

[8] N. do T. No original, *jeureuse*, possivelmente reunião das palavras *je* (eu), *jeu* (jogo) e *hereuse* (feliz, no gênero feminino).

[9] Lacan. *Le séminaire, livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile a mourre* (1976-1977), (Inédito, aula de 15 de março de 1977).

[10] Lacan. Jornada dos cartéis da Escola Freudiana de Paris (1976, p.263-8).

para isso. Onde está a nova relação com a substância humana? A psicanálise é sempre o sintoma de nossa época?

O discurso capitalista não deixa lugar para as figuras de autoridade suscetíveis de sustentar a função paternal. Além disso, promete um banho de gozo "comestível" a todos os que possam pagar. Ele naturaliza o desejo e o sujeito, e funciona sob o registro da frustração. A falência do Édipo e da castração promete, de um lado, certas formas patológicas, como as patologias da consumação (anorexia, bulimia, depressão...), sendo legítimo perguntar se elas conservam a importância revolucionária do sintoma (Lacan), mas também, de outro, novas tentativas de amarrar em conjunto o real, o simbólico e o imaginário na nova comunidade. A "nova comunidade" mais parece exacerbar o narcisismo ou apelar ao Outro (da seita, do mercado, da droga, da banda, da instituição etc.) do que contar com os sujeitos que têm confiança em seus sintomas.

Farei aqui uma observação que indica a necessidade de um diagnóstico preciso dos "impasses" da civilização contemporânea, a fim de propor e avançar um pouco na resposta de uma última questão.

Caberia à psicanálise verificar a existência de sujeitos que, no fim de suas análises, tivessem confiança em seus sintomas precisamente porque reconhecem a "singularidade de seu ser". A psicanálise, ao contrário da psicoterapia, é a experiência de uma perseverança graças à qual o sujeito extrai da hipnose o que não sabia e que o paralisava tanto em sua felicidade quanto em seu sofrimento. É esse alívio que se chama, se quisermos, "efeito terapêutico" (e que nada deve à sugestão ou à contra-sugestão). "Curar" é um termo muito ambíguo, pois seu significado principal é que as coisas retornem (ou venham) à ordem. Um retorno à normalização. Pode-se curar regrando a conduta por um grupo (Igreja, exército, empresa... instituição psicanalítica?), inversamente, portanto, da finalidade de uma psicanálise que, a esse respeito, deve permitir "um laço social desembaraçado das obscenidades de grupo"[11]. Isso implica que o sujeito possa escolher, no fim de sua análise, *não gozar do poder* – não só daquele que ele exerce, mas também daquele a que se submete porque ele o confundiria com uma causa. Mas não subestimemos isso. Não é certo que os psicanalistas tenham clareza sobre isso todo o tempo e em todos os lugares. Podemos fantasiar uma psicanálise curta ou bem conduzida, mas esse nunca é o caso. A psicanálise só existe sob a condição de ultrapassar em seu processo prático, isto é, em sua produção de um corte civilizatório no modo de agregação humana, o esquecimento de si mesma.

[11] Lacan. L'étourdit (1972).

Quando é bem-sucedida, permite ao sujeito que se implica a separação de seu automatismo à obediência, e também de sua propensão a fazer de sua verdade subjetiva um álibi para os golpes que sofre e atribui ao outro... com toda a inocência. Nesse sentido, o artigo de Freud dedicado a Dostóïevski é imbatível.[12]

Em outras palavras, a psicanálise se mantinha, ao menos até Lacan, como um meio de produzir a teoria do laço social, de garantir a presença do laço social (os quatro discursos) e de renová-lo. Bastaria verificar a existência, naquele tempo, "do" psicanalista e de se assegurar a transmissão de sua função[13]. Nesse sentido, o passe é insubstituível, pois permite ver como o sujeito consente em colocar seu sintoma a serviço do *sintoma* psicanalista[14] em função da cura de um outro.

Mas o contexto atual mudou e muitas questões inéditas devem orientar nossa pesquisa:

1) O discurso capitalista promove um utilitarismo que tende a uma dupla foraclusão: a do sujeito sob a proteção do cientificismo e, paradoxalmente, a do real, pois o gozo é elevado à altura de um bem consumível. Podemos prosseguir com o inventário das condutas ao direito à vida, ao sexo e à morte, nas maneiras pelas quais a nova economia psíquica se deixa orientar. É possível ainda falar em escolha? A via do sintoma está aberta para o sujeito que se deixa sugestionar por esse discurso?
2) A coexistência dos quatro discursos constitutivos do laço social e do discurso capitalista é a marca da irredutibilidade do desejo e do gozo, ou essa está ameaçada?
3) O passe funciona hoje? Funcionará amanhã? Em que condições o sintoma manterá sua importância revolucionária?

Deveríamos comunicar a todos os resultados de nossa experiência do passe, quero dizer "nós, todas as associações e escolas de psicanálise". Assim, demonstraríamos que nossas instituições não estão destinadas a nos impedir de falar com o outro. Teríamos como deduzir as condições do passe hoje e, ao menos, como sustentar a transmissão da psicanálise, deixando a nossos sucessores uma situação melhor para sua transmissão no contexto existente e naquele que desponta no horizonte.

5

Uma jovem, depois de uma análise longa e forte, iniciada cedo, indica-me sua intenção de interrompê-la, satisfeita com o que obteve. Ela me recorda que veio à análise por causa do

[12] Bruno *et al. Guérir de la psychothérapie*. Inédito.

[13] "Mas isso implicaria, quando muito, que essa fórmula que fiz sobre uma certa Proposição totalmente axial, que essa fórmula recebesse alguns complementos, os complementos que implicam que, se não se pode ser nomeado seguramente para a psicanálise, isso não significa que qualquer um possa entrar lá dentro como um rinoceronte na porcelana, isto é, sem se dar conta disso. É que precisaria se inscrever, que se inscreva aquilo que espero que venha a se inscrever, porque não é como quando eu invento, quando invento o que preside a escolha do ser sexuado. Aí eu não posso inventar, não posso inventar por uma razão que um grupo, um grupo, é real. E é mesmo um Real que não posso inventar porque é um Real novamente emergido. Pois como não havia discurso analítico, não havia o psicanalista. É por isso que enunciei que existe o psicanalista, do qual, por exemplo, eu fui a testemunha, mas isso não pode significar que, portanto, existe um psicanalista. É uma visão propriamente histérica dizer que há pelo menos um, por exemplo. Não tenho absolutamente essa tendência, não estando por natureza na posição histérica. Eu não sou Sócrates, por exemplo. Onde me situo, enfim, em algum momento veremos isso, por que não, enfim, mas por hoje não preciso dizer mais nada" (Lacan, aula de 9 de abril de 1974)

que alguns qualificariam como "fobia social". Ela passava os dias a sós, freqüentemente na cama, sem sair, sem telefonar, sem escrever e comendo pouco. "Mas nada mudou", ela pontua, então. Diante de minha expressão de surpresa, ela prossegue: "De fato, hoje tenho um companheiro, um trabalho, amigos, eu saio... Mas de tempos em tempos preciso procurar o traço da minha 'fobia'. Eu a encontro, a estimulo, e então me asseguro de que sou eu mesma". Como dizer melhor a sobrevida do sintoma no real e a segurança que ele continua a fornecer a essa analisante contra "o sentimento de um risco absoluto"[15] – a dissolução de sua singularidade no Outro da psicanálise? Ela não pediu o passe e não se orientou para a psicanálise (talvez pela própria razão de que "sou eu mesma"?).

O sentimento do risco absoluto é, a um só tempo, o de ser "anulado"[16] pelo Outro que quer a pele do sujeito e o da vertigem no momento de largar a mão do Outro. Em aparente contradição, essa passante afirma que nada de terrível sobreveio em sua vida, porém graves crises político-sociais, o exílio, a humilhação e o abandono por um marido amado, os lutos, o confronto com a solidão etc. tingem sua vida. Ela diz, surpreendentemente, "nada de grave", salvo o encontro, *traumático*, com um objeto antigo *oxidado* na vitrine de um museu. Ela tem a convicção de que aquilo concerne a seu ser "oxidado" nela. Seu passado a submerge. Ela se apropria apenas da cadeia de significantes, engrenados na análise, que lhe permitem concluir: "Eu sou isso". Consentir em ser 'isso' oxidado é precisamente resgatar o ponto sobre o qual ela pode se apoiar para romper com seu romance familiar... e sustentar sua posição de psicanalista. O sujeito suposto saber [se torna] 'des-ser'[17], ao mesmo tempo em que advém como esse saber suposto. Lacan frisa que "esse ponto totalmente local", em que o sujeito descobre ser o efeito do inconsciente, "ele não o aprendeu absolutamente (na análise), a despeito do que o analista pensa, mas isso lhe foi desvendado"[18]. Surpreende-me que muitos passes testemunhem um efeito de passe encontrado fora da análise...

> [...] um outro testemunho. Certa analisante, criada com o leite da psicanálise, torna-se precocemente psicanalista. Ela passa seu primeiro tratamento construindo um romance familiar passível de dar conta de cada uma das escolhas de sua vida, e que a convence da 'sobredeterminação do desejo'. É preciso uma outra etapa para construir aquilo que claudica na psicanálise a partir da insuficiência, necessária, do psica-

[14] "Penso que, efetivamente, o psicanalista não pode se conceber alternativamente como um sintoma. Não é a psicanálise que é um sintoma, é o psicanalista" Lacan. *Le Séminaire: le sinthome* (Inédito, aula de 13 de abril de 1976).

[15] Cf. *Le sinthome* (p. 45).

[16] N. do T. No original, "alpagué".

[17] N. do T. No original, "desetrer".

[18] Cf. *Le sinthome* (p.122).

nalista. Enfim, ela pode pensar em renunciar à psicanálise e dedicar-se a uma outra atividade. Em um primeiro momento, essa outra atividade substitui a paixão pela psicanálise. Foi-lhe preciso o passe e ter abandonado um analista particularmente sugestivo para que ela extraísse as conseqüências do fato que seu ser está ao lado de seu 'artesanato'[19]. Este trata sua exigência de ser amada pelo outro consentindo no desamor, permite-lhe suportar de bom grado o amor de transferência e justamente de introduzir aí a possibilidade desse desamor, etc. Mediante isso, ela pode ficar na posição de psicanalista. Não mais porque seus antecedentes a prepararam, mas por seus analisantes. Assim, o que ela descobre ser artifício abre a possibilidade de uma lógica, diferente da que explica sua existência por sua determinação, diferente da lógica divina.[20,21]

[19] *Ibid.*, p. 70.

[20] Cf. Guérin. Au-delà de la logique divine (2005).

[21] Os dois parágrafos precedentes foram extraídos de uma intervenção no seminário que eu coordeno com Pierre Bruno em Toulouse: "O sentimento de um risco absoluto", *Divan, divin* (4 de abril de 2005).

Um último passe. Uma jovem enuncia os eventos de uma vida começada no seio de uma família dominada pela violência do pai, para a qual ela sempre fechou os olhos, a loucura de um irmão pelo qual a mãe abandona imediatamente a filha, a prostituição posterior dessa mãe para conseguir drogas para o filho e a perversão de um tio. Daí ela extrai o axioma que rege sua relação com os outros e com o gozo: "Eu sacrifico minha vida para buscar o bem no outro". Ela empreende um resumo de sua vida e sua análise de maneira exaustiva, tendo em vista precisamente o passe. O empreendimento que consiste em perpetuar sua convicção de uma determinação inconsciente se revela impossível e a deprime seriamente. Espantosamente, abre-se um lugar para uma travessia com a descoberta de que ela nunca foi realmente a vítima que seus sintomas indicam que ela desejava ser. A exigência de sacrifício cai ao mesmo tempo em que ela decide se estabelecer como analista, desejosa de levar esse desenlace ao conhecimento de uma comunidade.

Eu gostaria de prosseguir essa enumeração, que contabiliza, um por um, os sujeitos que mostraram mais confiança em seu sintoma que no outro para reger sua relação com o mundo. Gostaria de reunir psicóticos e neuróticos. Essa enumeração é, sobretudo, uma nota de esperança para a sobrevida de um laço social viável. Sonho com uma sociedade de sujeitos seguros de sua singularidade, aquela que Hannah Arendt identificou como a única objeção ao totalitarismo.

Pergunto-me sobre a singularidade em face dos atentados suicidas que têm mortificado o mundo nos últimos anos. Mesmo

com todo o direito de Lacan à exaltação existencialista, trata-se de ter menos complacência pela dimensão contundente desse gesto. Mas nos tempos do capitalismo, nessa decisão de se escolher como vítima – pois, afinal, eles próprios se escolhem, o que os torna insensíveis a qualquer sugestão de recuar – para que outros tenham uma chance de viver melhor, não há uma marca da irredutibilidade do desejo? E não há na natureza espontânea e fragmentária dos pequenos grupos que decidem passar ao ato o esboço de uma lógica coletiva – confirmada pelo insucesso dos Dupin de hoje em antecipar seu crime?[22] É dramático que essa afirmação da singularidade seja sacrificada a um deus obscuro em que se admite igualmente um irredutível da sugestão desde o momento em que não se mostra confiança total em seu sintoma. Isso é seguramente uma confusão criminal.

É preciso tornar mais urgente a contribuição da psicanálise. A psicanálise talvez seja um sintoma social da modernidade. Pergunto-me se o passe não é o sintoma da subjetividade de nossa época, de uma época em que o próprio sintoma está em perigo. E se o passante fosse o negativo do terrorista *kamikaze* (sempre o risco absoluto)? Não se pode dizer do passe o que Lacan afirmou sobre a psicanálise – "Ela apareceu muito tarde na medida em que deveria se preservar qualquer coisa (sem dúvida porque está em perigo) de uma certa relação com a substância, com a substância do ser humano" – dentro da própria psicanálise?

TRADUÇÃO
Angela Lobo de Andrade

[22] É por isso que um dos ministros do atual governo Berlusconi, na Itália, preconiza taxar os albaneses logo que entram em solo italiano: já que eles são estatisticamente mais inclinados ao crime que os outros, deve-se cobrar a indenização antes que a falta seja cometida!

referências bibliográficas

ASKOFARÉ, Sidi. La révolution du symptôme. *Psychanalyse*. Paris, n. 4, 2005.

BRUNO, Pierre. Symptôme contre phallus. Séminaire de l'APPJL, Une autre psychanalyse. 2004, 20 de setembro. Toulouse.

BRUNO, Pierre. *La passe*. Coleção "Psychanalyse &". Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2003.

BRUNO, Pierre. MORIN, I. & SAURET, Marie-Jean. *Guérirde la psychothérapie*. (2003) Inédito.

GORI, Roland & DEL VOLGO, Marie-José. *La santé totalitaire*. Essai sur la médicalisation de l'existence. Paris: Denoël, 2005.

GUÉRIN, Nicolas. Au-delà de la logique divine. *Psychanalyse*. Paris, n. 3, 2005.

LACAN, Jacques. Não pode haver crise da psicanálise. Entrevista concedida a Emilio Granzotto.Roma: *Panorama*, 1974.

LACAN, Jacques. (1949). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre 1: Les écrits techniques deFreud* (1953-1954). Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. (1956) Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. L'étourdit. (1972). *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *Le séminaire: Le sinthome*. (1975-1976). In: *Ornicar?* Paris, n.12-13, 2005.

LACAN, Jacques. Journada des cartéis da Escola Freudiana de Paris. *Lettre de l'Ecole freudienne*. Paris: n. 18, 1976.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile a mourre*(1976-1977). Inédito.

SAURET, Marie-Jean. Le sentiment d'un risque absolu. *Divan, divin*. Seminário da Associação de Psicanálise Jacques Lacan. Em preparação.

SAURET, Marie-Jean. *Psychanalyse et politique*. Coleção "Psychanalyse &". Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2000.

SOLER, Colette. La politique du symptôme. *Quarto*. Paris, n° 65, 1998.

resumo

O artigo busca definir o laço entre "a subjetividade de nossa época" e a natureza do "viver juntos", graças à teoria lacaniana do laço social e do discurso capitalista em torno da função do sintoma. Lacan atribuía a aparição tardia da psicanálise ao fato que "qualquer coisa" *a* – em perigo – deveria se preservar "de uma relação com a substância do ser humano". Que dizer, então, da aparição ainda mais tardia do passe? Poderá ser o sintoma da resistência ao perigo que a contemporaneidade leva ao coração da própria psicanálise?

palavras-chave

escolha, discurso capitalista, laço social, passe, real, sentido e sintoma.

abstract

The article aims to define the link between "the subjectivity of our time" and the nature of "living together", based on lacanian theory of the social tie and capitalist discourse, around the symptom's funtion. Lacan used to reason the late appearance of psychoanalysis to the fact that "anything" *a* – in danger – even later appearance of the "pass through"? Could it be a symptom of the resistance from danger that the contemporariness takes to the own psychoanalysis' heart?

keywords

choice, capitalist discourse, social tie, pass through, real, sense and symptom.

recebido

01/09/2005

aprovado

20/09/2005